

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3540 réis — Semestre, 1570 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscribe-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondência não franqueada, não sera recebida — Artigos mandados a redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3500 réis — Semestre, 1500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 83

TERÇA-FEIRA 15 DE ABRIL DE 1863

SEGUNDO ANNO

Tendo findado o primeiro semestre d'este jornal, a administração roga aos srs. assignantes, que se acham em débito pela importancia de suas assignaturas, queiram mandal-as pagar em vales do correio, ou por outro meio que melhor lhes convenha.

AVEIRO

E' verdade que a maioria da camara dos deputados retirou o seu apoio ao ministerio actual. Este abandono porem não significa desaire, nem descredito para o governo. Todos os actos politicos, quer individuaes, quer collectivos, devem ter uma justificação, e este da maioria parlamentar não a tem plausivel, nem razoavel.

Compreende-se, admite-se, é mesmo necessario que os governos inertes, sejam desamparados de todo o auxilio, de todo o apoio que lhes possam prestar os representantes do paiz; mas o que se não admite, o que se não comprehende, é que subita e inesperadamente se guerreie uma situação só porque ella não é composta dos homens, que tem o nosso credo politico.

Não é assim que as assembleias parlamentares preenchem o fim que lhes incumbe, porque mostram que estão contaminadas do grande mal, que afflige esta epoca, — a versatilidade de consciencia.

Que fez o governo para merecer a opposição dos que hontem eram maioria? Que fez o governo para logo no começo da sua gerencia, sem provas que denunciem os seus delictos, o condemnarem como um rei de lesa-majestade? São estas as perguntas, que o paiz faz a si mesmo, sem achar para ellas uma resposta justa e cabal.

A prudencia, a imparcialidade aconselhavam, impunham mesmo o estado expectante. Não o quizeram assim, e hoje estamos vendo debellar um governo sem outros argumentos mais do que os do capricho, e os da parcialidade.

Não ha grandes committimentos que assignalem a epoca desta administração, não ha por ora tentativas arrojadas de progresso e civilização da parte della, mas tambem não ha as culpas, não ha os crimes, que lançam sobre os governos o laço eterno de descredito e impopularidade.

O paiz não condemna uns e absolve outros, não é apologistas destes, nem detractor daquelles, mas espera e aguarda os factos, para pronunciar sobre elles o seu veredictum d'approvação ou re-

provação. Não podia ser d'outra forma, porque a opinião geral está livre da influencia das paixões e dos interesses, que se agitam entre os corrilhos e as parcialidades politicas. Não chegam até ella os effeitos desta politica, que não é politica, porque não traz para o paiz resultados substanciaes e importantes. Conserva-se em uma esphera mais larga, mais imparcial, mais desasombrosa, e sabe confiar ou retirar com cautella o seu apoio aos poderes publicos. Esta prudencia, esta quietação d'animo, que é indispensavel a todos os juizes, é o que falta nos partidos para se haverem com rectidão nas pendencias travadas entre os governos e os parlamentos. As paixões tiram metade da força que os partidos podiam ter, e roubam ao paiz o contingente de acção e d'actividade que ellas absorvem. Seria pois para louvar que os partidos tivessem inergia de pôr de parte os seus odios, as suas ambições, e regular os seus actos pela mesma norma, que dirige os juizes e as decisões da opinião publica.

M. DE M.

Os defensores dos Brandões, os sectarios da immoralidade e da corrupção continuam o seu costumado officio. Não ha abuso a que elles neguem a sua approvação, a que não prestem a sua penna. E' signa de certa gente o advogar as causas do mal e da perversidade.

Tomaram sobre a sua protecção o escriptivo de fazenda de Vagos, e apesar das illegalidades, que este empregado praticou, elogiam-no, louvam-no como se fosse um cordeiro de innocencia e de candura.

Relatamos viridicamente o que nos foi communicado por pessoa cuja fé por modo algum podemos em duvida. Redarguirmos-no, contando o caso a seu modo, que era falso quanto asseverámos daquelle empregado. Mas não nos deram as provas da sua innocencia. Contentaram-se com dizer que o escriptivo de fazenda estivera em duvida acerca da interpretação da lei do registro. E' palpavel o subterfugio. Não nos fatigamos mais em combatal-os por este lado.

Dir-lhe-hemos porem, que o escriptivo de fazenda de Vagos, não é tão probo, e limpo de mãos como querem fazel-o os fingidos apóstolos da moralidade e da honra. E senão vejamos. O escriptivo de fazenda de Vagos, mandou em certo tempo citar por um individuo, que se dizia empregado da repartição de fazenda daquelle concelho, a freguezia do Covão do Lobo, varias pessoas. Entre estas figuravam Manoel Rama,

Mas eu fóra seu discipulo, e com elle aprendêra a ser pertinaz no ataque. Como não pude segui-lo, recorri a dois generosos aliados. Minotti e a Signora Teresina abraçaram a minha causa, e com denodo foram brécha nas obras do romper inimigo. — Oxalá que a Signora Teresina nunca venha a saber que indignas suspeitas me assaltaram n'aquelle momento, porque eu (com vergonha o confesso) fui espreitar por a porta entreaberta, recesso que o cabelo que me dessem não tivesse crescido na cabeça de seu pai. Houve ali uma questão de momentos, uma fraca resistencia, uma rapida consulta. Ao cabo o vencedor de Milazzo, e de — não sei quantas outras campanhas — capitulou, e um anel de cabelo um pouco mais escuro que o resto foi cortado por detraz da orelha, de maneira que apenas se conhecesse a falta.

Todos me acompanharam até ao escalear, e me seguiram com vivos acenos, e as derradeiras palavras que echoaram nos meus ouvidos em quanto sulcava as ondas do estreito foram pronunciadas por Stagnetti, que pondo a sua carabina em posição de carga, exclamou com enthusiasmo: *A rivederci, Agostino! VENEZIA!*

FIM.

Trad. por B. X. de M.

RESURREIÇÃO IMPORTUNA

Diz a «Revolução de Setembro», que á porta do sr. F. da S., honrado e abastado negociante de trigos, que vive nas mais invejáveis harmonias domesticas com sua esposa, joven ainda, a quem adora, baten antes de hontem um carteiro do correio geral. Pelas grades da cancella recebeu a criada uma carta com direcção para a senhora.

Antonio da Cruz Novo, José Tavares, Bernardo Pereira, Manoel Marques Estanqueiro. A um dos supraditos individuos, levou 1:170 de custas, a outro 630, e aos restantes 570, e isto n'um só dia, a 10 de maio de 1861. Alguns não foram citados, e nem o proprio escriptivo de fazenda poderá apresentar as respectivas certidões de citação. Tambem lhes não quiz passar a competente guia, sem que primeiro lhes satisfizessem as custas, o que é expressamente prohibido por lei.

Alem destas gentilezas, quiz igualmente levar a quantia de 4:000 rs. por um termo de baixa, no livro de manifestos de dinheiros mutuaes, caso este succedido com Thomé Nunes Ferreira, por alguma o Sargento, do logar do Boco. Como este se negasse a dar-lhe tal quantia accordaram-se, e recebeu o escriptivo o empregado só mil e quatrocentos, ou mil quatrocentos e quarenta.

Aqui estão os protegidos dos moralistas, dos probos, e dos homens serios. Quem os conhecer que os compre. Teem sido até hoje tranqui-berneiros e hão de sel-o eternamente. Depois disto ousarão ainda exclamar *me, me adsum*, a respeito de honra?

Parce sepultis...

Na secção competente publicamos uma correspondencia do sr. Antonio Lopes d'Azevedo, com referencia a um artigo que escrevemos sobre os acontecimentos de Sevêr, e em defeza dos administradores dos concelhos de Sevêr e Oliveira de Frades.

Queixa-se o sr. Azevedo do nosso correspondente daquelle localidade, e accusa-o de menos verdadeiro. E' certo, porem, que o não desmente. Pelo contrario. O nosso correspondente disse-nos que por aquelles concelhos não havia mais que uma certa animadversão popular contra as minas, e que, em logar de a combaterem, o administrador de Sevêr pactuara com ella, e o de Oliveira fugira para Tondella.

O sr. Azevedo diz o mesmo por outras palavras. Confessa que havia essa irritação no animo do povo contra as minas, e quasi que mostra partilhá-la, mas não assegura que aquelles funcionarios procurassem debelá-la. Diz-nos que são incapazes de pactuarem com o crime. D'accordo. Mas como s. s. não reputa crime a tal irritação, nem o era, em quanto se não convertesse em outra cousa, não sabemos em que o nosso informador nos faltou á verdade. O administrador de Oliveira sabia do concelho a

Esta razão o sobrescrito e ao ler as primeiras palavras, tornou-se pallida. Aos olhos do marido não passou despercebido este phenomeno, e o bom do negociante desejou ver a epistola, que acabava de entrar-lhe em casa e impressionara a sua metade.

— De quem é essa carta, filha? — E' uma carta insignificante... da Annica das Escolas Geraes.

— Fizeste te tão branca ao lê-la...

— E' que esta letra...

— Deixa-m'a ver...

— E' impossivel; encerra um segredo da minha amiga, que não deve passar de mim. — Mas a um marido contam-se todos os segredos.

— Sem duvida, os segredos da sua mulher, porem este não é só meu.

Este dialogo augmentou a curiosidade do marido. O negociante aproximou-se de sua mulher e lançou um olhar sobre o papel. A esposa dobrou rapidamente a carta, e mettu-a no seio.

— Filhinha, esse procedimento faz-me desconfiar.

— Deseonfiar, de que, tontinho? Pensarás tu que eu seja capaz d'uma traição?

— Quem fallou em traição, filha? — Sentaram-se n'um sofá. Trocaram-se caricias, o negociante notou que tremia a mão da sua esposa, e não podendo conter um impeto grosseiro, arran ou a carta do sitio em que estava guardada. A pobre senhora soltou um grito de afflicção e cahiu quasi sem sentidos.

O negociante leu d'um só folego toda a epistola até á assignatura. As suas faces não se fizeram menos pallidas que as de sua mulher.

A carta resava assim:

«Queridinha. — Não posso ir hoje ver-te e abraçar-te. A minha vontade era voar já ao teu encontro, e cobrir-te de beijos para matar estas saudades que me tem devorado. E tu tens pensa-

pedido d'alguns amigos... Pois sim. Mas sahio, e quando o seu dever o chamava á sede do seu concelho. A censura está de pé. O facto é veracissimo.

Nós não sabemos se estamos a responder ao sr. Azevedo, a quem não temos a honra de conhecer, se a alguém que se occulta por de traz do seu nome. Estamos talvez em peor posição do que aquella em que o signatario da correspondencia finge achar-se, ignorando quem nos informou, apesar de ter deante de si a responsabilidade do jornal. E' o mesmo. Vá por esta vez.

Não defendemos o sr. Feuerherd. Não nos pertence essa tarefa. Não podemos, porem, admirar-nos a dizer que nos espanta que haja neste paiz gente, que possa ainda alinhar duas linhas para um jornal, e que não só não repilla, mas pareça até abraçar essa crença absurdissima, de que a molestia das vinhas em Sevêr é produzida pelos fumos da fundição do Braçal. E pretende-se que é preciso que a fundição cesse de trabalhar durante o periodo da vegetação, para que o povo se desengane!... Se desengane de que? Pois não lhe basta o exemplo das outras provincias onde existe a molestia? Não sabe toda a gente que a ha tambem no Douro, na Bairrada, na Madeira, e em muitas outras localidades?

Será assim. Ao povo de Sevêr ninguém haverá capaz de por outro modo tirar esse prejuizo da cabeça. Mas façam-nos um favor, no menos, calem-se com isso. Não vão lá julgar por fóra, que temos por cá raça de botecudos.

A. P.

REGISTRO PAROCHIAL

Em seguida publicamos o decreto, precedido do competente relatório, pelo qual se estabelece o novo regulamento para o registro parochial segundo as providencias aconselhadas e propostas pela commissão que havia sido encarregada de rever o decreto de 19 de agosto de 1859.

Senhor. — Havendo sido regulada uniformemente em todo o reino, pelo decreto de 19 de agosto de 1859, a execução do registro parochial, que por em quanto supprime a falta do registro civil, cujo restabelecimento não podia deixar de estar nas intenções do governo de Vossa Magestade, algumas duvidas se suscitaram ao seu cumprimento; umas produzidas pelo differente modo de pensar de cada um, sobre a preferéncia a dar

do em mim? Nestes longos dias, nestas noites sem fim em que tenho acariciado com a phantasia os teus labios e os teus cabellos, não me esqueceste tambem um momento? Um guarda que vae para terra ha de procurar-te, e explicar-te o motivo da minha demora. Escreve-me ao menos duas linhas, e até amanhã, queridinha.»

A letra e assignatura d'esta carta eram do primeiro marido da esposa do negociante.

O silencio que se seguiu á leitura foi solenne e triste. Encravavam-se os esposos e as lagrimas corriam a fio pelas faces dos deus. Amavam-se tanto já, que a resurreição do marido era para os esposos o acontecimento mais importuno que o acaso podia trazer.

Mas o signatario da carta tinha fallecido havia 8 annos na ilha da Madeira, aonde fóra procurar allivios para a affecção pulmonar a que succumbiu; e as certidões d'obito estavam em ordem, e até os restos mortaes tinham vindo para Lisboa e haviam sido sepultados no Alto de S. João. Como explicar o que se passava?

O afflicto negociante enxugou os olhos e leu a carta pela segunda vez, porque tudo lhe parecia um sonho. Achou então um *post-scriptum*, pelo qual ainda não tinha dado.

O *post-scriptum* dizia assim:

«Manda-me o cachimbo pequeno, e oito tes-tões.»

Estas palavras não estavam realmente em harmonia com a carta que o marido dirigia á sua mulher depois de oito annos de ausencia.

O negociante levantou do chão o sobrescrito, e viu que a marca do correio era de 1852.

Estava tudo explicado. A carta era das que foram encontradas ao carteiro Patrocínio, fallecido na calçada da Estrella. A esposa, sorrindo-se de alegria, lembrou-se de que seu defunto marido, que fóra aspirante de terceira classe da alfandega, lhe escrevera uma vez de bôrdo do registro, uma carta que não fóra entregue.

